

UM ESPECTRO RONDA O MUNDO – BOAVENTURA DE SOUZA SANTOS E AS PRIMEIRAS LIÇÕES DA PANDEMIA

A SPECTRE IS HAUNTING THE WORLD – BOAVENTURA DE SOUZA SANTOS AND THE FIRST LESSONS FROM THE PANDEMIA

Marcia Lisbôa Costa de Oliveira¹

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), São Gonçalo, RJ, Brasil
lisboamarcia@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0141-4008>

Recebido em 17 abr. 2020

Aceito em 22 abr. 2020

No *E-Book A cruel pedagogia do vírus*, lançado em abril de 2020, Boaventura de Souza Santos organiza em cinco capítulos uma breve e profunda reflexão sobre a crise decorrente da pandemia provocada pelo coronavírus que emergiu em dezembro de 2019, classificado cientificamente como SARS-COV-2 (*Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*).

O título do primeiro capítulo, em clara referência à célebre frase de Marx e Engels no *Manifesto do Partido Comunista*, redigido em 1847, indica o direcionamento teórico da análise do espectro que ronda o mundo em 2020 – o novo coronavírus - e traz à tona as desigualdades sociais já denunciadas nesse importante documento histórico.

Nos 173 anos que nos separam do momento em que o *Manifesto* foi escrito, as desigualdades aumentaram de forma avassaladora. Santos assinala que a emergência do neoliberalismo, que se tornou hegemônico nos últimos quarenta anos, aprofundou a fratura social. Os princípios de Estado mínimo, antiprotecionismo e livre mercado, associados à rejeição ao “bem-estar social”, criaram um ambiente extremamente favorável ao vírus, que encontrou sistemas públicos de saúde desintegrados e, portanto, quase incapazes de oferecer-lhe resistência.

Para o autor de *Pelas mãos de Alice*, a pandemia provocada pelo novo coronavírus agravará da forma como o colonialismo, o patriarcado e o capitalismo neoliberal forjaram as relações socioeconômicas que levaram ao quadro de desigualdade global que temos testemunhado.

Nesse cenário, o impacto dissolutivo da pandemia, que tentamos compreender enquanto tudo muda rapidamente, ressignifica a afirmação do *Manifesto*: “Tudo o que é sólido desmancha no ar, tudo o que é sagrado é profanado, e os homens são

finalmente forçados a enfrentar com sentidos mais sóbrios suas reais condições de vida e sua relação com outros homens” (MARX; ENGELS, [1847] 1888).¹

No momento em que Santos escrevia, no início de março, a pandemia havia matado cerca de trinta mil pessoas (2020, p. 22) No final de abril, quando finalizo a revisão dessa resenha, contabilizam-se oficialmente mais de três milhões de casos confirmados de COVID19 e essa doença já causou para além de duzentas e dez mil mortes. Os Estados Unidos concentram acima de sessenta mil óbitos e a Europa acima de cento e vinte mil. No Brasil, passamos de cinco mil decessos (WORLDOMETERS, 2020). Enquanto a tragédia humanitária avança, a economia dos países mais atingidos também é abalada.

Os centros de poder estão em crise, o mundo está em crise, e é por esse conceito que o professor Boaventura de Souza Santos inicia sua reflexão, discorrendo sobre o discurso de crise permanente, o qual cria uma “*normalidade da exceção*” (2020, p. 5). Esse discurso justifica cortes em investimentos sociais e em salários, silenciando questionamentos acerca das reais causas da crise instalada pelas políticas neoliberais, bem como da catástrofe ecológica em andamento.

Em se tratando da questão ecológica, o autor comenta que as drásticas mudanças impostas pela pandemia ao estilo de vida capitalista, regido pelo consumo, demonstram a possibilidade de alternativas antes silenciadas, cujos impactos sobre o meio ambiente, por exemplo, já são sensíveis.

Não podemos afirmar que essas mudanças permanecerão, ainda que residualmente, após a crise. De fato, nós sequer precisaríamos dessa crise para (re)aprender a viver em harmonia com o planeta, pois poderíamos fazer esse movimento aprendendo-o com culturas que praticam saberes milenares. Porém, do ponto de vista da racionalidade ocidental, esses saberes estão posicionados do outro lado das linhas abissais, que, na perspectiva teórica desenvolvida pelo autor, constituem metáforas da exclusão radical. Essas linhas representam abismos intransponíveis que se colocam entre o que/quem é considerado é relevante e o que/quem é inexistente. Territórios, culturas e indivíduos situados do outro lado da linha são, assim, invisibilizados (SANTOS, 2007; 2019).

O projeto da sociologia das ausências, mencionada no último item desse primeiro capítulo, é trazer à tona os processos de desumanização implicados nessa produção de

¹ Essa tradução é apresentada no livro de Marshal Berman (1986, p. 87) e, conforme aponta o autor em uma nota explicativa, foi retirada da tradução inglesa de Samuel Moore (1888).

invisibilização e inexistência. Ao mencioná-la, o autor denuncia uma contradição entre a comoção mundial com as mortes causadas pelo novo coronavírus e a insensibilidade europeia diante do risco vivido pelas pessoas detidas em campos de migrantes – que já era constante, mas se agrava com a pandemia.

Ele faz, ainda, um grave alerta: “[...] as zonas de invisibilidade poderão multiplicar-se em muitas outras regiões do mundo, e talvez mesmo aqui, bem perto de cada um de nós. Talvez baste abrir a janela” (2020, p. 8).

A seguir, propõe-se a refletir sobre a pandemia como alegoria e constrói três reinos para desenvolver essa ideia: o reino da glória, o reino das causas e o reino das consequências. Nessa leitura alegórica reside, a meu ver, um dos ápices retóricos do livro.

O Reino da Glória é o lugar da escatologia teológica e em torno dele, Santos tece uma reflexão sobre a fragilidade humana a partir de considerações sobre três entidades: o coronavírus, deus (grafado em minúsculas) e o mercado. Essas três entidades sujeitam a vida humana a seu poder e a sua imprevisibilidade, daí que delas dependam nossa salvação ou perdição.

O Reino das Causas é intermediário, nele interagem humanos e não-humanos. Citando Leonardo Da Vinci, usa o símbolo do unicórnio para representar a ambiguidade entre a ferocidade selvagem e a fragilidade, entre invisibilidade e presença. Os unicórnios que habitam o Reino das Causas são o colonialismo, o patriarcado e o capitalismo, que forjaram as relações socioeconômicas, levando ao quadro de desigualdade global que temos testemunhado. Esses unicórnios usam duas astúcias para manterem a dominação: uma é sua capacidade de simular o enfraquecimento e de metamorfosear-se para agirem em contextos aparentemente hostis (capitalismo na China comunista), outra é disfarçarem o fato de que constituem, na verdade, uma só força de dominação.

O Reino das Consequências representa a face visível e cruel da dominação, que se revela em dois aspectos terríveis: “a escandalosa concentração de riqueza/extrema desigualdade social e a destruição da vida do planeta/iminente catástrofe ecológica” (SANTOS, 2020, p. 13).

Então, ele pensa o papel que os intelectuais podem exercer no contexto da pandemia, a partir do conceito de intelectual de retaguarda, que pode contribuir para “[...] a visibilização da opressão e para a conscientização da injustiça que ela

contém” (MARTINS; SANTOS, 2018, n.p.). É isso que Santos faz no capítulo seguinte, em que aborda a quarentena ao Sul, partindo do princípio de que “toda quarentena é discriminatória” (2020, p. 15).

O termo Sul é compreendido pelo sociólogo português como metáfora da dominação exercida pela tríade capitalismo, colonialismo, patriarcado, por isso:

[...] o Sul expressa todas as formas de subordinação provocadas pelo sistema capitalista mundial: expropriação, supressão, silenciamento, diferenciação desigual e assim por diante. O Sul está espalhado, embora desigualmente distribuído, em todo o mundo, incluindo o Norte e o Oeste. [...] O sul significa a forma de sofrimento humano causado pela modernidade capitalista. (SANTOS, 1995, p. 507. Tradução livre)

Ao abordar a pandemia, ele discute como os grupos situados ao sul, em função da dominação, são atingidos pelas políticas de quarentena/confinamento. Assim, demonstra como as injustiças sociais decorrentes da opressão afetam nesse período as mulheres; os trabalhadores precarizados; os trabalhadores da rua; os sem abrigo ou populações de rua; os moradores de periferias e favelas; as pessoas em campos para refugiados, os imigrantes indocumentados e populações deslocadas dentro de seus próprios países; os deficientes; os idosos; os presos e as pessoas com problemas de saúde mental. Os invisíveis.

Particularmente no caso das favelas e periferias cariocas, que vivem em constante confinamento devido à presença ameaçadora da polícia, do tráfico de drogas, das milícias, ele provoca:

Não será esta afinal a quarentena mais dura para estas populações? Os jovens das favelas do Rio de Janeiro, que sempre foram impedidos pela polícia de ir ao domingo à praia de Copacabana para não perturbar os turistas, não sentirão que já viviam em quarentena? Qual a diferença entre a nova quarentena e a original, que foi sempre o seu modo de vida? (SANTOS, 2020, p. 18).

A quarentena, afinal, reforça as injustiças e os sofrimentos dos grupos oprimidos ao sul. Mas ela também está atingindo aqueles que estavam, até então, do lado de cá da linha abissal, do lado da humanidade socialmente inserida. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), em abril de 2020, “[...] mais de quatro em cada cinco pessoas (81%) na força de trabalho global de 3,3 bilhões são afetadas pelo fechamento total ou parcial do local de trabalho.” (INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION, 2020. Tradução livre).

A projeção inicial da OIT era de 25 milhões de desempregados ao final de 2020, mas a instituição já sinaliza que esse número provavelmente será ainda maior. Um índice disso é o fato de que nos EUA vinte e dois milhões de trabalhadores já perderam empregos desde o início da crise sanitária. A OIT alerta ainda para a grave situação em que se encontram dois milhões de trabalhadores informais, mais sujeitos à devastação provocada por essa “catástrofe” no mundo do trabalho (THE GUARDIAN, 2020. Tradução livre).

Diante de tudo isso, Santos distingue seis lições preliminares da crise atual.

A primeira lição está relacionada ao modo como os *media* e a sociedade reagem às crises graves agudas, por contraponto ao modo como percebem as crises graves crônicas. No primeiro caso, são tomadas medidas emergenciais que miram as consequências, mas não as causas - a crise do novo coronavírus é um exemplo. No segundo caso, embora constituam problemas de enorme impacto, tende-se desconsiderá-las – é o caso da crise ambiental. Santos entende que ambas as crises citadas estão interligadas e que as pandemias são estratégias de autodefesa e de punição acionadas pela Natureza.

A segunda lição é que as pandemias matam mais aqueles que já são vulneráveis. Ele fala de darwinismo social em relação aos idosos em alguns países, mas julgo que poderíamos pensar que a defesa da chamada imunidade de rebanho (*herd immunity*) aposta também nessa ideia e é vista por setores da sociedade como forma de purgação de uma massa de pessoas inúteis ao sistema. Sendo mais fracas, serão eliminadas pelo mecanismo de seleção natural, enquanto a população sobrevivente, que tende a ser, para esses grupos, aquela pertencente às camadas que vivem em condições socioeconômicas mais favoráveis, será imunizada e continuará produzindo. Nem todos os que acreditam nisso, dizem-no claramente, mas podemos ler esse discurso nas entrelinhas.

A lição três demonstra que o capitalismo neoliberal com a doutrina de estado mínimo, que levou à desmontagem dos sistemas públicos de saúde, à privatização e à minimização de políticas sociais, mostrou sua ineficácia diante da crise atual. Esse ciclo destrutivo só será interrompido com o fim da hegemonia desse modelo.

A quarta lição é que a crise pôs em descrédito a extrema-direita e a direita hiperneoliberal. O fracasso dos governos que assumem tais posições decorreu de seu próprio ideário, que mescla anticientificismo, populismo, privilégio da economia sobre as vidas humanas, uso político de versões religiosas conservadoras e

darwinismo social. Concordando com Santos, espero que esteja correta sua asserção de que os efeitos catastróficos da crise sanitária nos países governados pela extrema-direita e pela direita hiperneoliberal levará à derrota dessas tendências políticas, que vinham força nos últimos anos.

A quinta lição que a pandemia nos ensina é que o colonialismo e o patriarcado ganham força na crise aguda: “os corpos racializados e sexualizados são sempre os mais vulneráveis perante um surto pandêmico” (SANTOS, 2020, p. 26). Excluídos, invisibilizados e produzidos como inexistentes, vivem em condições desumanas e são, ainda uma vez, os mais atingidos.

A sexta dessas lições preliminares e última das lições apontadas por Santos reside na volta à cena de dois elementos do tripé constitutivo das sociedades modernas - a comunidade e o Estado - que haviam sido subsumidos pelo mercado. Para o autor, é evidente que a adesão absoluta à profissão de fé neoliberal tornou muitos governos incapazes de enfrentar essa colossal emergência sanitária, assim, em sua visão, para que haja um futuro viável para a humanidade, precisaremos reinventar as noções de Estado e de comunidade e de participação democrática cidadã na gestão da coisa pública.

Movimentos importantes já começavam a ocorrer antes da pandemia e agora se estruturam para o apoio comunitário durante a pandemia, como, por exemplo, ocorre na favela de Paraisópolis, onde uma rede solidária de prevenção, apoio e acompanhamento foi fortalecida para enfrentar a crise sanitária. Com a arrecadação de doações e produtos, o comitê criado para combater a pandemia conseguiu montar casas de apoio para pessoas contaminadas em escolas da comunidade, para evitar que a doença se dissemine, especialmente entre pessoas de grupos de risco (DE CHIARA; AMARO, 2020). Essa e outras experiências de criação de redes comunitárias de solidariedade indicam que um outro mundo é possível, como afirma o *slogan* do Fórum Social Mundial.

Com relação ao futuro pós-pandemia, muitas questões são colocadas por Santos. Ao mesmo tempo que ele coloca a quarentena e a pandemia como reveladoras de alternativas de vida, reflete também sobre a possibilidade de nada mudar.

A *nova normalidade* não será fácil, pois os impactos da crise econômica se farão sentir por alguns anos. As tensões sociais que não tinham sido resolvidas

antes da pandemia, estão agora silenciadas, mas podem voltar com ainda maior força quando os efeitos da crise se fizerem sentir. Chegando ao Reino das Consequências, para usar a alegoria de Santos, a pressão social pode emergir como violência. Isso gerará a violência de aparelhos repressivos dos Estados e entraremos em um ciclo anticivilizatório em que novas pandemias se sucederão.

Alternativas advindas de uma nova articulação social precisam surgir, para que na *nova normalidade* nos coloquemos em uma posição mais democrática, solidária e participativa diante do outro, por um lado, mais respeitosa, sustentável e humilde diante da natureza, por outro. Para Santos, “A nova articulação pressupõe uma viragem epistemológica, cultural e ideológica que sustente as soluções políticas, económicas e sociais que garantam a continuidade da vida humana digna no planeta” (2020, p. 31).

Essa viragem pode estar mais próxima do que pensamos em relação ao papel do Estado na garantia de bem-estar social. Um sinal de mudança foi dado pelo conselho editorial do jornal *The Financial Times* do dia quatro de abril de 2020, que inicia com considerações muito semelhantes às tecidas por Santos com relação ao papel devastador das políticas neoliberais e afirma textualmente que: “Assim como a luta para conter a pandemia expôs o despreparo dos sistemas de saúde, a fragilidade das economias de muitos países foi exposta[...]”. Por isso, o corpo editorial defende a necessidade de mudança desse modelo e afirma que:

Reformas radicais - invertendo a direção política predominante das últimas quatro décadas - precisarão ser colocadas sobre a mesa. Os governos terão que aceitar um papel mais ativo na economia. Eles devem ver os serviços públicos como investimentos, e não como passivos, e procurar maneiras de tornar os mercados de trabalho menos inseguros. A redistribuição estará novamente na agenda; os privilégios dos idosos e ricos em questão. As políticas até recentemente consideradas excêntricas, como renda básica e impostos sobre a riqueza, terão que estar na composição. (THE FINANCIAL TIMES EDITORIAL BOARD, 4/4/2020. Tradução livre)

Não sabemos se essa mudança de fato será desencadeada, não temos nenhuma certeza sobre o que virá na pós-pandemia, por isso mesmo, a frase de Marx e Engels que reverbera no título do primeiro capítulo de *A cruel pedagogia da crise* ecoa agora com sombria atualidade. O mundo como conhecemos se desmancha e estamos confrontados com nossas condições de vida, nossos pequenos e grandes privilégios. Isso deveria nos

impulsionar a repensar nossa relação com os outros e com o planeta em um mundo ferozmente desigual.

Se o vírus desnuda a nossa própria vulnerabilidade, a volatilidade de nossas vidas diante de um cenário devastador, ele pode também apontar mudanças positivas, situadas no horizonte das alternativas, se soubermos aprender com a cruel pedagogia da crise.

REFERÊNCIAS

BERMAN, M. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Schwarcz, 1986.

DE CHIARA, M.; AMARO, G. Paraisópolis: escola vira 'hospital' e ruas têm chefe para monitorar saúde dos vizinhos. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 15 abr. 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,paraisopolis-escola-vira-hospital-e-ruas-tem-chefe-para-monitorar-saude-de-vizinhos,70003271238>. Acesso em: 17 de abr. 2020.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. **COVID-19 causes devastating losses in working hours and employment**. Genebra: ILO, 2020. Disponível em: https://www.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/WCMS_740893/lang--en/index.htm. Acesso em: 17 abr. 2020.

JOHN HOPKINS UNIVERSITY. **COVID-19 United State Cases by County**. Baltimore: JHU, 2020. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Acesso em: 17 abr. 2020

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto of the Communist Party**. Tradução de Samuel Moore. Londres: [s. n.], [1847] 1888. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/marx/works/download/pdf/Manifesto.pdf>. Acesso em: abr. 2020.

RUSHE, D.; HOLPUCH, A. 'Hit by a hurricane': 22m out of work in US as coronavirus takes heavy economic toll. **The Guardian**, New York, 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/business/2020/apr/16/us-unemployment-coronavirus-economic-toll-jobless>. Acesso em: 16 abr. 2020.

SANTOS, B. S. **Toward a new common sense: law, science and politics in the paradigmatic transition**. London: Routledge, 1995.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020. *E-book*.

SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo**. A afirmação das epistemologias do sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SANTOS, B. S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a participação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

WORLDMETER. **Reported Cases and Deaths by Country, Territory, or Conveyance**. Delaware: Worldometer, 2020. Disponível em: <https://www.worldometers.info/coronavirus/>. Acesso em: 17 abr. 2020.

VIRUS lays bare the frailty of the social contract; Radical reforms are required to forge a society that will work for all. **Financial Times**, Londres, 2020. Disponível em: <https://www.ft.com/content/7eff769a-74dd-11ea-95fe-fcd274e920ca>. Acesso em: 5 abr. 2020.

Sobre a autora

Marcia Lisbôa Costa de Oliveira

Doutora em Letras (FL – UFRJ, 2002) com Pós-Doutorado em Letras Modernas (FFLCH-USP, 2017). Atua como Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e membro do corpo docente do Mestrado Profissional em Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da FFP/UERJ. É membro do Grupo de Pesquisa Linguagem & Sociedade (FFP/UERJCNPq) e líder do Formação de Professores, Linguagens e Justiça Social (PROFJUS). Pesquisa principalmente os seguintes temas: teorias da leitura, letramentos numa perspectiva sociocultural, formação de professores e desigualdades sociais.